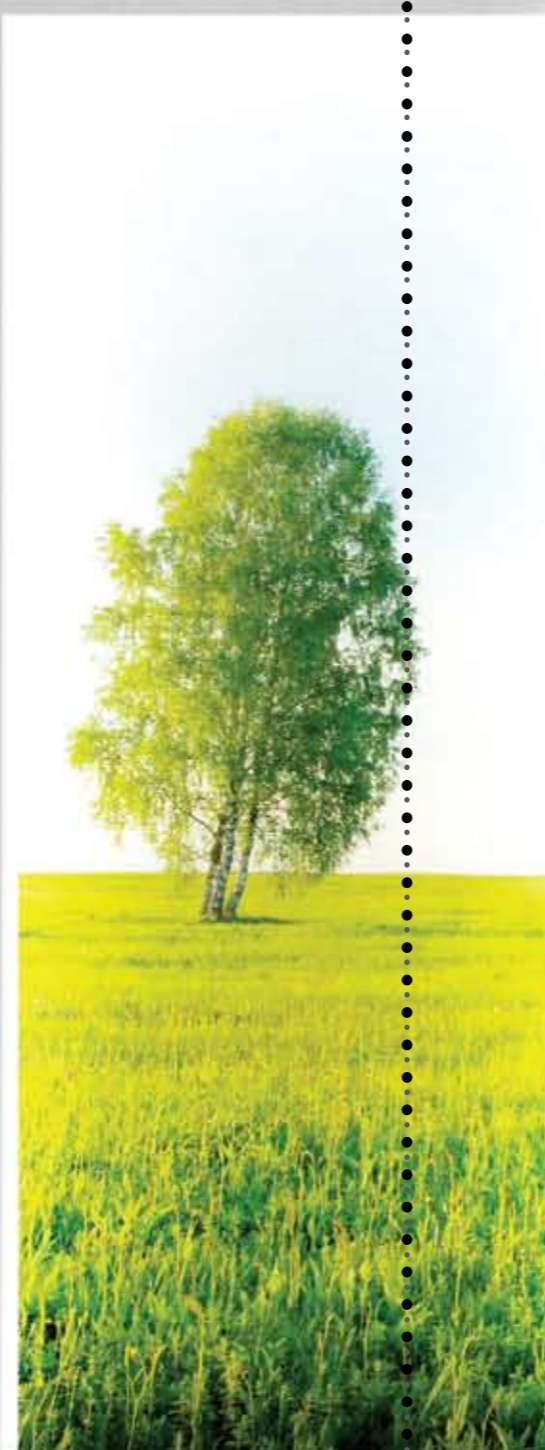


De vilão a mocinho

Aos poucos, o mundo do design começa a reconhecer e usar o potencial da madeira de eucalipto

Por Mariana Pasini



O eucalipto é pau para toda obra. Lugar-comum quando o assunto é celulose e papel, o público pode não vê-lo com bons olhos, mas cada vez mais faltam argumentos para sustentar o preconceito contra a qualidade do material. Com cerca de 20 espécies introduzidas no Brasil, a grande vantagem da árvore é a alta produtividade em menos tempo e utilização de pouco espaço para plantá-lo. Versátil, ele é matéria-prima para diversas aplicações, desde a estruturação interna à composição de cadeiras, mesas, estantes e armários. Impacto ambiental? Apenas quando derrubada a mata nativa para que seja cultivado. A planta apresenta até uma vantagem em relação a outras, notadamente o Pinus (gênero da planta), por permitir a divisão do seu território com matas nativas sem invadir suas áreas.

No país, as primeiras mudas de eucalipto foram trazidas da Austrália, de onde é originário, na década de 1860, como mero objeto de curiosidade. Mas foi em pleno desenvolvimento cafeeiro paulista da virada do século 19, após intensas pesquisas do agrônomo Edmundo Navarro de Andrade, que a planta ganhou um objetivo comercial definido: combustível para as caldeiras dos trens que transportavam café, o que poupou boa parte das nossas matas originais.

O designer deve atentar a qual espécie usará.

Os exemplares mais duros e densos são os mais propícios para a fabricação de objetos e móveis, ao contrário dos mais leves, próprios para serem moídos e virar celulose ou papel. O saligna, por exemplo, é um material leve, porém pouco resistente. O citriodora, no entanto, é uma madeira robusta e durável. Algumas definições são aplicáveis a todas as espécies e devem ser levadas em conta pelo profissional que deseja trabalhar com elas. Guido Otte, presidente da construtora catarinense de móveis Butzke, resume eucalipto uma palavra: nervoso. “Genericamente, os eucaliptos produzem madeiras com grandes tensões, geradas por retrações tangenciais e radiais”, explica. Além disso, as fibras da madeira de eucalipto não são as formas mais organizadas da natureza: tortas e rebuscadas, diferente de outros gêneros, elas diminuem um bocado o poder de corte de serras comuns e exigem mais precisão para que a madeira não empene depois. Seu processo de secagem também é difícil: quando não respeitadas as características de cada espécie, as chances de problemas futuros são altas. Felizmente, esses problemas podem ser contornados com a tecnologia adequada.

O eucalipto cresce reto e seus galhos ficam mais para cima. É possível administrar o fornecimento da madeira

e ter um controle maior sobre o resultado final. Dados de 2006 da Sociedade Brasileira de Silvicultura apontam uma produtividade de 30 a 40 metros cúbicos por hectare para o gênero. Deve-se, no entanto, prestar atenção que uma árvore que se adaptou bem a uma área não necessariamente o fará em outra. Além disso, deve-se repor o solo de maneira orgânica ou até química.

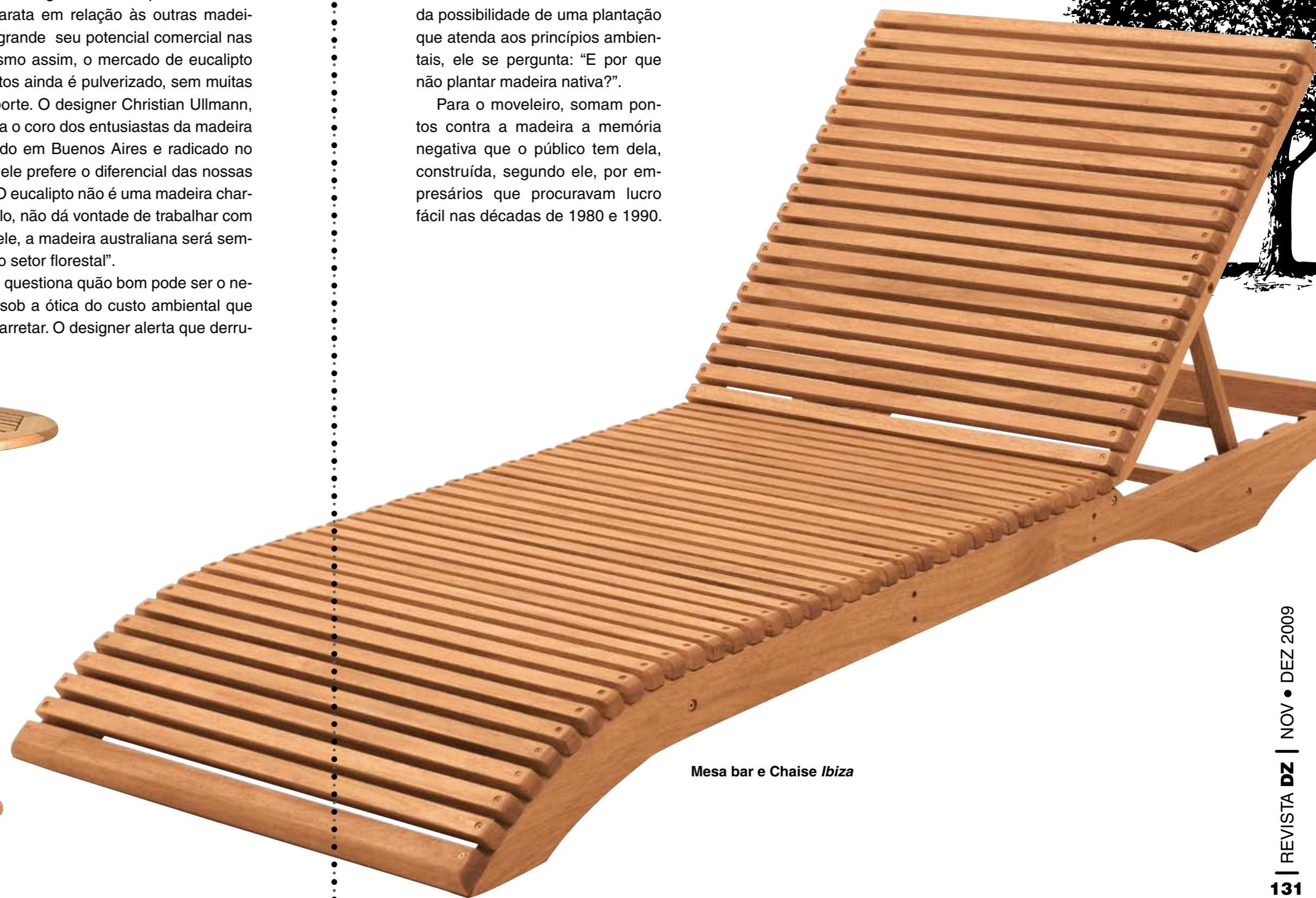
Matéria-prima barata em relação às outras madeiras no mercado, é grande seu potencial comercial nas classes C e D. Mesmo assim, o mercado de eucalipto para móveis e objetos ainda é pulverizado, sem muitas empresas de alto porte. O designer Christian Ullmann, porém, não endossa o coro dos entusiastas da madeira de eucalipto. Nascido em Buenos Aires e radicado no Brasil desde 1996, ele prefere o diferencial das nossas madeiras nativas. “O eucalipto não é uma madeira charmosa nem tem apelo, não dá vontade de trabalhar com ela”, dispara. Para ele, a madeira australiana será sempre um “bastardo do setor florestal”.

Ullmann também questiona quão bom pode ser o negócio do eucalipto sob a ótica do custo ambiental que seu cultivo pode acarretar. O designer alerta que derru-

bar mata original para plantar eucalipto não é, de modo algum, um negócio sustentável, pois além de acabar com a flora original, uma floresta de reflorestamento não pode ser habitada por animais ou comunidades ribeirinhas. Mesmo dentro da possibilidade de uma plantação que atenda aos princípios ambientais, ele se pergunta: “E por que não plantar madeira nativa?”.

Para o moveleiro, somam pontos contra a madeira a memória negativa que o público tem dela, construída, segundo ele, por empresários que procuravam lucro fácil nas décadas de 1980 e 1990.

“ É isso que nós, designers, fazemos errado por enquanto: ainda não descobrimos como tirar proveito dessa madeira de uma forma mais inteligente ”



Mesa bar e Chaise *Ibiza*

Para o moveleiro, somam pontos contra a madeira a memória negativa que o público tem dela, construída, segundo ele, por empresários que procuravam lucro fácil nas décadas de 1980 e 1990. Até hoje, o portenho argumenta, ninguém parou para pensar qual é a melhor aplicação para o eucalipto. “É isso que nós, designers, fazemos errado por enquanto: ainda não descobrimos como tirar proveito dessa madeira de uma forma mais inteligente”, arremata.

A arquiteta e designer catarinense Marina Otte aposta na criatividade como solução do impasse. Filha de Guido Otte, da Butzke, ela trabalha com o eucalipto desde 1998 e aposta que, dentro dos limites da madeira, é possível proceder de várias formas. Marina exemplifica o ponto de vista com um modo engenhoso para driblar a dificuldade em obter formas curvas: usar

partes seccionadas. E já que a cor natural do eucalipto não é um grande atrativo, mais clara do que, por exemplo, o mogno ou a imbuia, com as quais as pessoas estão mais acostumadas, tingi-la é uma opção. “A gente tem que se adaptar ao material que escolhe”, defende Marina, para quem o eucalipto em ripas é o mais fácil para trabalhar. Ela não nega que a certificação florestal, que limita os riscos ambientais e visa garantir o reflorestamento, encarece o produto final. “O eucalipto pode ser mais caro na hora da compra, mas se você conservar bem e considerar que pode durar a vida inteira, com certeza é mais barato”.



Sofá Duna

Até hoje, o portenho argumenta, ninguém parou para pensar qual é a melhor aplicação para o eucalipto. “É isso que nós, designers, fazemos errado por enquanto: ainda não descobrimos como tirar proveito dessa madeira de uma forma mais inteligente”, arremata.

A arquiteta e designer catarinense Marina Otte aposta na criatividade como solução do impasse. Filha de Guido Otte, da Butzke, ela trabalha com o eucalipto desde 1998 e aposta que, dentro dos limites da madeira, é possível proceder de várias formas. Marina exemplifica o ponto de vista com um modo engenhoso para driblar a dificuldade em obter formas curvas: usar partes seccionadas. E já que a cor natural do eucalipto não é um grande atrativo, mais clara do que, por exemplo, o mogno ou a imbuia, com as quais as pessoas estão mais acostumadas, tingi-la é uma opção. “A gente tem que se adaptar ao material que escolhe”, defende Marina, para quem o eucalipto em ripas é o mais fácil para trabalhar. Ela não nega que a certificação florestal, que limita os riscos ambientais e visa garantir o reflorestamento, encarece o produto final. “O eucalipto pode ser mais caro na hora da compra, mas se você conservar bem e considerar que pode durar a vida inteira, com certeza é mais barato”.

Para Ricardo Cardim, mestrando do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, o principal desafio relacionado ao eucalipto é a tecnologia. “Há muitas espécies e o potencial ainda não foi totalmen-

te estudado para a indústria moveleira”, enumera. “O eucalipto não é fácil de serrar e tem uma secagem complicada, que precisa respeitar a anatomia de cada espécie. Mas toda madeira é boa, dependendo do uso que você vai fazer dela”, alerta Cardim.

Ele acrescenta que a sustentabilidade é uma questão de metodologia e a possibilidade de um cultivo sustentável do eucalipto é latente. Como os próprios consumidores estão cada vez mais exigentes quanto à certificação da madeira, o negócio de madeira reflorestada começa a realmente valer a pena, segundo sua avaliação. O biólogo derruba o mito de que o gênero absorve muita água. “Por crescer muito rápido, ele precisa de muito nutriente e também de muita água para formar toda a sua estrutura”, esclarece. O que precisa ser feito é a reposição dos nutrientes do solo de maneira orgânica ou química. E o estudioso dá o veredicto: “O eucalipto em si não é o vilão, mas uma ferramenta para a produção de madeira que nós precisamos tanto”.

A árvore nunca terá a qualidade ou até o luxo das chamadas madeiras de lei, mas cresce a uma velocidade surpreendentemente rápida e responde bem se trabalhada com a tecnologia adequada. Além disso, é de se perguntar que outras opções restam ao designer que deseja trabalhar com madeira, já que a extração e a exploração de material nativo da Amazônia estão proibidas pelo Código Florestal. Para resolver o dilema, vale o conselho de Marina Otte: “a questão é se adaptar”.



Mesa pufe Duna

Marina Otte

